

VANESSA BUFFONE

AS CASAS ONDE EU MOREI

SUMÁRIO

- 10 AS MORADAS DE VANESSA,
por Fernando da Rocha Peres.

A casa dos inícios

- 17 Primeira casa
19 Oito anos e o meu leão
21 Ausência
23 Chegada
25 Casa do engano
27 José Visco, 47

Minha casa

- 31 Cavalos d'água
33 Espera
35 Entrega
37 A casa da saudade
37 Bailarina do tempo
39 Visita

A casa dos botões bonitos

- 45 Rosa
47 Traições
49 Anjos negros costuram ciúme
51 Só
53 Travessia para o lado fatal
55 Naquela casa estranha
57 Idílio sobre ti

A casa do outro

- 63 Vdrug
- 65 O amor das bestas-feras
- 67 Casamento
- 69 Poema caseiro
- 73 Entre a lágrima e a ave
- 75 Bucéfalo

A casa de todos

- 83 A casa
- 83 Janelas
- 85 Recado da ave que partiu
- 87 Deusa
- 89 Sacerdotisa
- 91 As casas onde eu morei

AS MORADAS DE VANESSA

Fernando da Rocha Peres

Na dupla condição de poeta e historiador, ambos muito próximos, digo, em primeiro lugar, que adentrei este livro de uma estreante com um interesse pela biopoesia, a memória de moradas e fugas.

Vanessa é uma poetisa, vejam que não disse poeta, para preservar seu gênero, o feminino, que poetiza na raiz do verbo conjugado, a criatura que faz nascer. Existem muitos poetas no mundo. Umas enxurradas a poetar. Precisamos de mulheres poetizando a vida.

Se escrevo este prefácio, o primeiro que ousar, é porque gosto do texto e pouco conheço a autora. Simples conhecimento através da leitura do seu livro “As casas onde eu morei”, em concurso literário.

A poesia é para ser lida e dita, voz alta ou baixa, depois de escrita. Logo, são três momentos: a escritatura, a dizedura e a lidadura. Depois vem a colheita nas rias e canteiros. Poucos, hoje, têm tempo para consumir poesia. Outros objetos “utilitários”, no mercado ou nos leilões, tempo mercadista, impedem o escambo até dos versos.

Estes não pertencem ao mundo das apenas mercadorias.

Ler poesia é como ver, na cristaleira, uma fruta exótica de origem ancestral e degluti-la lentamente, pausadamente, ao domingo. Na leitura, desde a casca, da poesia de Vanessa Buffone, pode-se sentir que dentro e fora de suas casas há sempre um ar de colóquio, misterioso e denso: “Entre os esqueletos de etiquetas e códigos de barra,/ usar os vestidos que sobram,/ papagaio de fogo em trajes de metáfora.”

O leitor deste prefácio (nunca uma *prefacies*) não se assuste, pois vou ser breve e não é oportuno brilhar com teorias literárias. O texto de Vanessa é o que “vale quanto pesa”. Nome de sabonete da minha memória, depurador das ilações e brilhantinas dos outros.

Uma voz de poetisa nova saiu porta afora para o encontro de quem possa e queira ler excelente poesia.

E, assim, contradigo e brinco com Witold Gombrowicz, cáustico contra os bardos, no seu livro, antes conferência ou “disertación”, *Contra los Poetas* (Mate, Buenos Aires,

2004, pp 36 e 37), oportuno e brigador: “La más seria dificultad de orden personal y social que debe afrontar el poeta proviene que él, considerándose superior como sacerdote de la poesía, se dirige a sus oyentes desde arriba...”. Este não é um “atributo” de Vanessa Buffone, pois a sua poesia de poetisa está atada ao seu passado e ao presente. Se o leitor sente-se “abaixo” é por falta de sensibilidade poética. Afinal, a poesia não dá câncer na vista.

Os que se acham poetas, de rimas e metros, fiquem atentos, pois a poesia é coisa da esperança-folha, de um bicho-folha, um “tetigoniídeo”.

Assim dito, desejo a este livro de estréia todo o caminho e corredeira para o leitor anônimo.

*Não importa que a tenham demolido:
A gente continua morando na velha casa em
[que nasceu.*

Mario Quintana

A casa dos inícios

Primeira casa

Nasci com duas ou três casas,
sem morada certa,
e em dias de chuva
minha mãe me exibia aos olhares do mundo.
Sozinha, minha mãe vivia à espera,
algo que nunca veio,
sempre de cabeça baixa,
por isso não me viu fugir.
Contam que ela chorou muito,
quando deu pelos rastros,
tudo o que restou entre ela e mim.

Oito anos e o meu leão

Quando o meu leão chegou,
eu tinha chocalhos amarrados nas canelas,
e foi assim que subi a ladeira para encontrá-lo:
abandonando minhas meninas-brincadeiras.

Meu leão, com seu sem-fim de pêlos,
juba e muitas feridas,
ocupava toda a carreta,
estacionada bem na frente lá de casa.

Grades negras e minha avó fincadas
em minha primeira morada,
prisão que me implorava:
– Não vá, entre!

Fui, sem sequer ouvir essas vozes.
Meu leão havia chegado.
E subi na carreta para sentir com as mãos
como era grande o meu leão.

Alisei-o. Montei-o.
E só em nuvens e carneiros de infância
pode-se vislumbrar a beleza deste encontro,
a efígie deste Deus.

Ausência

Revejo a velha ladeira,
estou no bonde.
Meninas-brincadeiras,
uma criança que se esconde.

Aceno, quero falar,
mas já estou longe.

Dizem que lá
ainda está a menina,
até hoje.

A menina que não houve.

Chegada

A menina que teus olhos não viram,
o olhar do estranho,
a porta de vidro que se abre.

Universo construído aos pedaços:
em cada centelha,
reconheço-me inteira,

eu, homem que sempre fui,
pá e esforço,
o peso de me sustentar.

Estou na tua casa,
fera indulgente
diante de tua presença,

construção do silêncio
de tua longa ausência,
espera indiferente ao cansaço.

Curvo-me diante de ti
e de mim, pai, choro.
Sou destino sem paz e imploro.

Casa do engano

E o vento soltou seus cabelos,
tufão da memória.
Na casa de música e abismos,

novidades bailam pela sala,
cifrão guia lembranças:
o preço é a melodia da casa.

Ali, outra parte do início,
a esquina em que nasceu sobrinha,
palavra mesquinha e precisa.

Entre esqueletos de etiquetas e códigos de barra,
usar os vestidos que sobram,
papagaio de fogo em trajes de metáfora.

Vir de outro mundo sem senhas de acesso,
esperar na porta, brilhar olhos imensos,
amamentar sonhos com o leite da casa.

José Visco, 47

Fascinam as poças d'água da minha rua:
espelhos.
A menina é crescida, vejo.

A ladeira dividiu minha vida em duas:
lá em cima, eu, a que sempre está,
lá em baixo, eu, a que partiu.

Minha casa

*Mi casa está en el patio de los otros
En las habitaciones que no jugué
En las ventanas por donde no entró el tiempo*

Celedonio Orjuela Duarte

Cavalos d'água

Sigo por uma estrada em traços de ouro,
nos rastros de uma estrela distraída,
corredeira dos ventos, voz do tempo,
vagas altas em que há melhor caminho.

Veios do mar, nos ermos de quimeras,
terra firme de todos meus inícios.
Recomeço-me inteira na viagem,
mares de alma e de lama, navego ímpetos.

São versos dos cavalos d'água que
galopam meu destino. Nestes olhos,
leitos negros que o sal floriu, meu rumo.

Abençoada sina desta estrada!
Nasci com o mar nos olhos, sempre úmidos,
e o corpo leve, nau a seguir seu prumo.

Espera

Dores antigas como passos, ecos,
sons da minha memória a caminhar.
Quantos são os pedaços que perdi,
por vontade maior de me encaixar?

Com quantas facas já sangrei meus seios
em fios de fina dor?! Quanto chorei?!
Segava-me sem pena, como a uma
flor leviana – cortes tão profundos...

Pedaços pelos quais minha loucura
bradava, eu mutilava, eu os ceifava.
Castrava-me a voz, ao silêncio do outro.

Eu liberto o algoz com o que abdicó.
De tudo quanto perco, chega o outro.
Mais perderei, espero o infinito.

Entrega

Poucos prazeres são confiáveis,
conheço dois: os da carne e os da escrita.

Nem o livro nem o amante propriamente:
a grafia do sangue sobre a pele.

Sedução que vem da tinta,
meus amantes e suas letras,

o que eles escreveram em mim
e o que eu escrevi neles:

tudo é cinza.
A cor é o deus da carne.

Casa da saudade

Pétala amarelecida, em revista ao tempo,
vem pelos ares e pousa sobre meus olhos.
Busca o roxo que me encerra,
busca as terras que pisei.
Só encontra livros.

Dá pelo efêmero de tudo quanto me cerca,
e parte, deixando em rastro seu semblante,
de um silêncio pleno,
que tornou tudo mais impreciso.

Suspenso na lágrima, o pranto.
Volto aos livros.
Cada saudade tem seu abrigo.

Bailarina do tempo

No tempo, alvo das traições,
dançam as bailarinas.
Lembranças que já são outras
fogem com a brisa,
reflexos em passos distantes.

Fugidia imagem da filha do tempo,
menina, desassombradas mãos vazias,
mira a face do mágico,
campo dos sorrisos que encontrava e guardava,
flores do mato cor de laranja.

Em frente ao espelho,
vê que às mãos voltaram-lhe os guardados:
as velhas sapatilhas dos balés das ventanias,
trançadas nas canelas da menina daqueles dias,
asas de um vôo do qual jamais voltaria.

Visita

Quanto tempo se é capaz de passar
no lugar em que se nasce,
e quanto tempo se passa
em lugar que não nos pertence?

Em um, pouco, quase nenhum.
Noutro, o tempo passa sem que se veja.

A distância que ora tudo permeia
embota o desconforto da mala cheia,
bagagem de vida inteira.
Aqui e longe, paro e estou: apenas.

Visito-me, como se estivesse em casa.
E sou.

A casa dos botões bonitos

*O doce Adônis morreu, Afrodite: que fazer?
– Flagelai, moças, os vossos seios,
rasgai, amigas, as vossas vestes.*

Safo de Lesbos

Rosa

Cabreira do mistério que carregava,
inocente do desejo que me absorvia,
me punia e queria:
tua boca em meus seios
a me sugar os cios.

E todo meu leite verti em rios,
gozos, espasmos:
meu pecado, seio imolado
e tuas mãos postas a mim.

Aninhado em meu colo,
ventre em que te concebi,
dias e dias assim:
tu e eu e meus seios e meu leite,
mãe de meu homem.

De tua boca rosa,
a aréola rosa dos seios,
a mulher que sugaste
de dentro de mim.

Traições

Às vezes estranho sua imagem.
Na cama, debruçam pergunta e espanto,
e num segundo o desconheço por completo.
O escuro revela apenas um vulto,
longos cabelos,
seria uma mulher?
Qual delas?
E todos e todas me invadem o sono,
olhos numa casa de vidro,
povoando o filme de possibilidades.
Quem nunca me traiu à cama foi seu cheiro,
identifico-o longe, além dos sentidos,
ao que lhe sinto e vivo,
o corpo já livre da dúvida.

Anjos negros costuram ciúmes

Uma mulher se aproxima.
Chega aos teus olhos sua imagem.
Ela também te vê.
Acontece a todo instante.

A caixa dos botões bonitos se abre,
anjos negros costuram encantos
em delicada blusa de algodão.
Desabotoam-se intenções e suspiros.

Uma imagem surge nos esconderijos da renda
em que bordei o teu e o meu nome.
– Como podes permitir tal invasão?

Anjos negros costuram minha boca,
silenciam meu ciúme,
pequeno ajuste para que a blusa,
um presente sem medida,
caia-me perfeitamente.

Só

Foi à sombra de idílios e letras que adormeci,
enquanto este barulho inscrito em mim
gravava um adeus esperado,
lapidado entre dor e êxtase.
Juntando, tudo é tão doce
como nem mesmo Julieta ousou ser,
agrado silencioso e fresco.

Engano e dor e corte
descem-me facas por toda parte,
sinto-me espelho partido ao chão.
Vejo-me bonita nestes pequenos pedaços:
uma boca vermelha, que beija e pragueja,
imita seu jeito – jamais a terei de novo.
Seios dos quais sugaste cios
espalhados em doze faces ou mais,
e os meus olhos, surpreendentemente, iguais.
Há coisas que não se misturam.

Travessia para o lado fatal

À porta, ouço vozes, são minhas:
– Tem gente nesta casa?
A chegada é deserta.
Silêncios respondem por lábios ausentes.
Ainda à porta, ralham-me as dores:
– Não há ninguém nesta casa!
À minha frente, o recanto das almas sem homens
corpos de dores que erigi em seu nome.

Em toda parte, espaços que foram seus,
vazios que hoje habito sozinha,
entre uma miragem e outra:
você, fingindo estar vivo,
lá no jardim, sempre tão lindo!
Seus fantasmas, estas dores-homens além do homem,
(que insisto: não perdô!)
e o meu amor, tal como antes, morto.

Não sei por quem mais chorar.

Naquela casa estranha

A casa é estranha, outra.
No entanto, guarda as mesmas dores
– ela e eu.
Insiste nas mesmas perguntas,
“por quês” já ouvidos: unidos e separados.

Tudo tal qual neste lugar estranho.
No entanto, diferente.
Pela lente que te flagro sei quem não és,
ao te comparar, em mente, ao teu semelhante.

E tudo parece preso a estes falsos espelhos:
igual diferente,
reféns de um começo qualquer.
Abri o olho lá nos longes do início:
vi um homem: diferente igual.

Idílio sobre ti

E eu tenho de fechar meus olhos para ver-te.
Mario Quintana

Fez-se silêncio entre soluços de instantes.
Esforço-me para conter-me em tão delicadas linhas.
Pareceu ter passado tanto tempo,
e ainda posso ver sua imagem suspensa no ar,
agonias de um novo adeus,
você vivo e ausente,
e eu a velar seu sono com o meu.
Pergunto-me quem de nós dois sofre mais,
você, maldito gentio, de caçadas noturnas e distantes,
pelas vagas altas que ora jogam a ermo?
Ou eu, cravada neste escuro idílio de lembranças,
revendo em sonhos o que só dentro de mim vivemos?

A casa do outro

Amar é mudar a alma de casa.

Mario Quintana

Vdrug*

Há interesses instantâneos,
nascem de um olhar.
Surpreendem ambos,
encantador e encantado.

Antes de qualquer palavra,
anterior ao gesto,
eis o desejo de conhecer
quem nos arrebatou os sentidos.

Estes súbitos interesses,
repentinos,
tanto mais incríveis,
quanto geminados.

* *Vdrug*, advérbio russo que pode ser traduzido como “súbito”, “repentino” ou “eis que”.

O amor das bestas-feras

Fera só ama fera, só deseja fera
Ildásio Tavares

Sou besta-fera que caminha à tua boca,
és o perigo a que chamo de lar,
jamais me senti tão segura.

Em teu leito, deito-me com os segredos que persigo,
com os dentes a que chamo abrigo.

Tua força violenta-me as idéias
e alimenta o mal que insiste em mudar.
Feridas me revelam o aprendizado da dor,
o amor que humilha.

Que Deus abençoe estes pobres amantes,
servos da violência divina!

Casamento

No céu um convite,
em luz e azul,
escrito em nuvens.

Poema caseiro

Meu amor gosta de deitar na lua crescente.
Ali, lê o mundo balançando em ternuras.
Gosto de me deitar com ele,
nesta nossa cama de lua,
suavemente, de um ao outro lado,
pelo nosso mundo de poesia.

Entre a lágrima e a ave

Na ausência de tua música,
eu descanso – entre a lágrima e a ave.

Tu, lembrança que trespassa,
hálito que sinto na minha boca,
som das horas em degredo,
desterro do destempero de outrora.

Às margens de deuses e de erros, chego,
para um banho em suas águas.

Bucéfalo

Alexandre jamais diria:
“Não mais invadirei o vento montado no teu galope”.
A guerra é uma só e não termina,
nem mesmo a morte dissolve o centauro.
– Quem monta quem, quando se galopa o destino?

Sumiram os pastos,
apenas um vazio corredor escuro,
estação de transbordo para outra direção.
Cortaram-me as patas,
tornei-me infeliz montaria de acasos e agoras.

Estou sangrando e ao chão,
que corre sob mim, na direção oposta.
Sem você, Sol, não há o passo,
apenas o mundo impondo veleidades humanas.
Onde mais poderei ser fraco e dominar?

Filho do Trovão, depois que me tornei dorso sem patas,
sinto-me quase humano: um pouco menos a cada dia.
E tu, face despreendida da infância,
centauro ao meio, recolhido pela máquina,
que queres tu, em tão distante escuridão?

Fecha os olhos, vem!
Abre, vê: tudo é vento que faísca possibilidades.
Não te assustes, Apolo,
é só tua sombra projetada ao chão.
Não fujas!

E já me ensurdece a esperança de trotes
na terra, na água, no ar.
Tudo contigo é montanha,
onde esperam pódios, cabras
e fins do mundo.

Galopes, relinchos,
vento que guia homem e crinas,
desembesto: são encarnações dos deuses!
Não abdiques do trono. Segue, uno!
Nem a morte dissolve o centauro.

A casa de todos

Não tem mais lar o que mora em tudo.

Cecília Meireles

A casa

A casa e sua leveza bêbada
de torneira antiga
jorrando sobre o assoalho.

A casa onde se guarda
todas as lembranças,
memórias como mentiras de criança,
verdades sem limite.

A casa e a reconstrução do súbito.
Eu estava à espera daquilo,
aquele som de respiração
e suspiro, que só as casas têm.

Janelas

Ao meu redor,
necessidades de alma,
dessas que não aceitam o tempo,
que existem porque há o medo:

a caneta que se impõe à mão,
acreditando importante escrever a vida,
e o amor que aguardo desde adolescente,
choro que não compreende.

As janelas, sempre abertas,
dizem tudo o que há.

Não entendo.
De nada vale o mundo que inventei,
meu amor, esta ilha de luz?
E o bom livro e os amigos e as árvores?

Eu vi nas palavras, objetos,
nos objetos, pessoas,
e nas pessoas, eu mesma!

As janelas abertas pelo vento
indicam tudo o que há: rastros.

Recado da ave que partiu

A morte não me feriu a carne,
apenas sucumbi ao sono
e parti,
levando os meus pertences:

as virtudes do clero:
tartufismo, avareza, ganância,
promiscuidade e sobretudo o roubo,
empurradas goela abaixo dos beatos;

o rigor socialista-cristão;

latifúndios inteiros de lembranças,
campesina de todos os dias;

e minha neta, bem mais querido.

Estamos todos vivos e bem,
num lugar longínquo.

Deusa

Cabelos em perfeito desalinho,
corpo que se ergue até a ponta destes fios.
Num dos olhos ela mesma, no outro a avó
e todas as meninas que lhe precederam,
gerações inteiras de Iemanjás.

O oráculo lhe imprimiu na testa um segredo,
o dom dos ares, pouso daqueles cachos,
negras inscrições da sombra do temperamento,
tem a permissão dos deuses para trazer a ira de lá.

Vagou nas noites desertas de nações distantes
em busca da face do mágico.
Trouxe com ela o mistério no ventre,
seqüência dos dias a desvendar,
tudo o que com o selo do Ser vem à luz.

Tem o ar antigo da gruta que oculta a fonte
e a cascata para o banho.
De lá, a água fria que adormece os ombros,
onde penteia os cabelos em que esconde a eternidade.

Sacerdotisa

Uma galinha como um titã
pousa no terreiro: é a sacerdotisa
à procura da criança que sofre.

Sobe a ladeira,
fio esticado sobre o abismo,
risco e equilíbrio,
busca do vero e do belo:
a procura da criança que sofre.

A sacerdotisa trouxe o chamado:
entre a magia e a arte: a cura.

As casas onde eu morei

Talvez seja só isso,
entrar e sair de casas,
partir e ficar de acasos,
desassombradas mãos vazias.

Caminhar até o fim, entre moradas e fugas.